

# KWANZA

Símbolo de Unidade Nacional

**DISCURSO PROFERIDO PELO  
CAMARADA PRESIDENTE  
AGOSTINHO NETO DIRIGIN-  
DO-SE À IMENSA MULTIDÃO  
QUE MANIFESTOU DIANTE  
DO PALÁCIO DO POVO,  
O SEU APOIO A MOEDA NA-  
CIONAL, KWANZA.**

**22 DE JANEIRO DE 1977**

# **KWANZA**

Símbolo de Unidade Nacional

**Discurso proferido pelo Camarada  
Presidente Agostinho Neto dirigin-  
do-se à imensa multidão que ma-  
nifestou diante do Palácio do Povo,  
o seu apoio a moeda Nacional,  
Kwanza.**

22 de Janeiro de 1977

K W A N Z A  
Símbolo de Unidade Nacional

Discurso proferido pelo Comandante  
Presidente Agostinho Neto durante  
do-se à mesma multidão que ma-  
nifestou diante do Palácio do Povo,  
o seu apoio à moeda Nacional.  
Kwanza.

22 de Janeiro de 1977

## INTRODUÇÃO

O povo angolano dirigido pela sua vanguarda o MPLA, acaba de enfrentar vitoriosamente uma guerra de agressão imperialista. Batido no campo militar, o inimigo procura novas e mais subtis formas de actuação para se opor às vitórias cada vez maiores, alcançadas pelas massas populares. É através da agitação no seio dos trabalhadores, da fomentação do tribalismo e do racismo, da sabotagem do Poder Popular e da sabotagem económica que o inimigo procura opor-se ao avanço da nossa luta.

As massas populares, organizadas em torno da sua vanguarda, o MPLA, constituem a força motriz da nossa Revolução. Todavia, para que elas possam cumprir a tarefa histórica, que lhes está destinada, é indispensável, que os militantes da nossa Organização, tenham

*como preocupação dominante aumentar a sua formação política e ideológica para melhor servirem os interesses das massas populares.*

*O Departamento de Orientação Política, com a colecção «Resistência» pretende contribuir decisivamente para a tarefa da educação política e ideológica das massas militantes. Aos militantes mais conscientes, e melhor esclarecidos, caberá estudar os textos aqui editados e levá-los ao conhecimento das massas, seja nos grupos de acção, nas Comissões de Bairro, nas Comissões de Trabalhadores, etc., para aí se discutir aprofundadamente o seu conteúdo.*

O DOP

“Compatriotas, camaradas :

Estamos reunidos, aqui hoje, por causa do Kwanza, por iniciativa das Camaradas da Comissão Directiva provincial de Luanda da OMA, apoiadas pela Comissão Directiva Regional do MPLA, pela direcção da UNTA, por todos os Comités de Acção e outros organismos do nosso Movimento, nesta cidade de Luanda.

Devemos portanto, nós todos, em primeiro lugar, agradecer às camaradas da OMA, e aos outros militantes do MPLA, por nos ter proporcionado, esta oportunidade de conversarmos, mais uma vez, sobre uma situação que foi criada pelo lançamento da nossa Moeda, o Kwanza.

Durante longos meses, desde o ano passado, estivemos a trabalhar sobre esta questão. Os Ministérios interessados, mais

tarde, organismos do Movimento, mais tarde ainda, os Commissariados Provinciais e outros organismos que funcionam no nosso País, estiveram estreitamente ligados a esta operação e, devemos felicitar-los pelo facto de todos eles terem guardado sigilo necessário ao êxito da operação.

De facto, nesta terra de boatos, não houve nenhum boato sobre a circulação da nova Moeda. E aqueles que tinham os bolsos cheios de milhões, bolsos que estavam mais cheios do que o Rio Kwana no mês de Abril, ficaram surpreendidos, ficaram espantados, da maneira como a operação se efectuou e, isso, graças ao sentido de responsabilidade daqueles que estiveram à frente, desta mudança da moeda no nosso País. Portanto, devemos também agradecer aos camaradas dos Ministérios, aos camaradas Commissários Provinciais, aos camaradas dos Comités de Acção e dos Grupos de Acção, que efectuaram, tão bem, a Operação Kwana.

Tudo decorreu bem. Os milhões de escudos portugueses, escudos coloniais, que tinham saído do nosso País e que, estão hoje no poder daqueles colonos,

que fugiram daqui, com medo da situação no mês de Novembro de 75, que estão nas mãos da "Unita", "Fnla" e que faziam o negócio lá fora — que nós conhecíamos — esses milhões nunca mais podem voltar aqui para Angola.

Alguns ainda procurarão, algumas portas, para entrar, no nosso País. Vão utilizar os aviões, os barcos e, os carros que entram em Angola, para mandar o seu dinheiro. Isto vai acontecer. E, portanto, é necessária uma grande vigilância do Povo uma grande vigilância a todos os níveis, para impedir que uns grandes capitalistas, que tiveram aqui os seus negócios, aqueles que roubaram o dinheiro angolano, possam, outra vez, utilizá-lo, na nossa terra. Até porque nós sabemos que havia, algumas pessoas, que no dia sete não tinham, nem quinhentos escudos, no bolso, mas no dia oito, apareceram com vinte contos. Como é que isso aconteceu? Não sei! Mas talvez daqui a um mês, daqui a dois meses, vamos saber como é que isso aconteceu.

Havia, evidentemente, algumas das nossas velhotas que tinham o dinheiro guardado debaixo do colchão. Não se lembraram disso. E, depois do dia treze,

lembraram-se que ainda tinham, mais uns contos, escondidos no tal sítio. Haverá outros que estiveram fora do seu local habitual de residência. Que não puderam trocar. Havia elementos das forças armadas, que estavam em missão. Havia funcionários que estavam em funções fora do seu local habitual de trabalho. Esses casos, vamos considerá-los, mas com a justiça que merece esta operação, tão importante, para a situação do nosso País.

**Todos nós compreendemos o sentido revolucionário do lançamento da Moeda Nacional Angolana**

Eu creio, camaradas, que todos nós compreendemos o sentido revolucionário desta mudança da Moeda.

O escudo que nós tínhamos aqui, é o escudo colonial. Era aquele que era usado durante o colonialismo, durante o período da exploração. Era aquele com o qual os portugueses exerceram a sua opressão, sobre o nosso Povo. E, nós, não pederíamos, de maneira nenhuma, conservá-lo. Mas há mais. O escudo estava estreitamente ligado à banca portuguesa. Nós agora, com o Kwanza, não estamos

ligados, de maneira nenhuma, à banca portuguesa. Nem a nenhuma outra. A nossa Moeda, é uma moeda independente, uma moeda que corresponde ao nosso desejo de sermos, realmente, independentes.

Desde que nós proclamamos a nossa República Popular de Angola, desde que nós iniciamos a nossa luta, pela independência do País, nós sempre dissemos que é necessário chegarmos a uma independência completa, não somente ter uma outra bandeira, ter um outro hino, ter um presidente da República, mas, sim, ter todos os elementos que possam constituir um País independente. E, agora, do ponto de vista monetário, somos também independentes.

**Ainda temos que vencer muitos obstáculos para sermos verdadeiramente Independentes**

Mas isso não é tudo. Ainda temos que vencer muitos obstáculos, nesse capítulo da independência. Culturalmente, ainda não somos completamente independentes.

Há muitos, dos nossos compatriotas,

que estão sempre a sonhar, com umas feriazinhas em Portugal.

Querem ir passar férias. E, quando não têm direito a férias, querem ir comprar, isto ou aquilo. Querem, de qualquer maneira, estar ligados a Portugal. Esse é um defeito que nos deixou o colonialismo. Culturalmente, ainda não vencemos. a dependência de Portugal e da Europa em geral.

Ainda estamos a pensar à maneira portuguesa. E é preciso que nós comecemos a pensar à maneira angolana!

Para passar férias — isso digo principalmente aos camaradas que são funcionários públicos — temos boas terras, no Huambo, na Huíla, em Moçâmedes, em Malanje. Temos, no nosso País, um clima admirável, um clima planáltico, que permite repouso, permite tratamento e, embora ainda não estejamos, do ponto de vista de assistência médica, bem apetrechados, pode-se garantir o descanso de quem fez um ano de trabalho. Vamos, portanto, utilizar o nosso território.

Em Moçâmedes, também há uvas, também há azeitonas, também há maçãs. Não é preciso ir a Portugal para comer

maçãs. Aqui, em Angola, temos de tudo. E vamos, portanto, ser mais angolanos, cada vez mais angolanos.

### **Há preconceitos que temos que vencer em favor da Unidade Nacional**

Do ponto de vista social, também, ainda não estamos completamente independentes. Ainda há alguns preconceitos em relação à cor da pele. Branco, preto e mestiço, isto, ainda, “arranha” um pouco os ouvidos. Ainda não somos completamente iguais, no nosso País. Há preconceitos, que temos de vencer em favor da Unidade Nacional.

Nós todos, no fundo, somos angolanos. E, é como angolanos que devemos agir. Portanto, para conseguirmos completamente a nossa independência, temos de vencer estes fenómenos culturais e sociais, que ainda prevalecem, depois da derrota, política militar, do colonialismo.

E temos uma pressão enorme. Nós estamos a ser pressionados pelos imperialistas, que ainda pretendem desviar, o nosso Povo, da sua orientação para o socialismo.

Ainda temos agressões, que vêm do exterior. Há agressões que são feitas no Sul. Há penetrações, de armas, ao longo de todas as fronteiras.

E nós temos de estar atentos. Não nos podemos descuidar. Para nós preservar esta independência política temos ainda, de estar muito atentos para que as nossas Forças Armadas, para que a nossa Organização de Defesa Popular, sejam suficientemente capazes de enfrentar o inimigo, se ele puser os pés em território angolano.

E isso, camaradas não é impossível, que se faça.

Nós soubemos, há poucos dias, que a República do Benin, foi objecto de uma agressão imperialista. O Benin, antiga República do Daomé, que optou pela via socialista, foi agredida do exterior. Queriam, os imperialistas, derrubar o governo, mudar o regime, e instaurar, de novo, o neocolonialismo. Evidentemente que o Povo do Benin foi capaz de rechaçar esta ofensiva imperialista e reconquistar a sua tranquilidade habitual.

Tivemos notícias, há poucos dias também, que na República vizinha do

Congo, a República Popular do Congo, — foi agredida por elementos que se dizem da "Flec". "Flec", que pretende ser uma "frente de libertação" de Cabinda. Querem libertar Cabinda, da sua independência, para se tornar, outra vez, um pedaço de África a funcionar para o imperialismo.

Soubemos dessa agressão com profunda indignação. Não são bem claros os factos. Não sabemos bem o que aconteceu. Mas as notícias da Imprensa dizem que, de facto, houve um ataque contra a República do Congo. E houve, no passado, ataques contra a Guiné-Conakri. Houve ataques contra outros países da Africa.

### **Temos que estar cada vez mais vigilantes**

Nós, em Angola, temos que estar cada vez mais vigilantes. Só aqui, na nossa cidade de Luanda, temos detectado vários elementos que funcionam para o inimigo. São elementos que são apanhados com antigos cartões de "Fnla" ou da "Unita". São elementos que fazem agitação nos locais de trabalho. São elementos que produzem o divisionismo, entre nós, es-



palhando boatos e prejudicando todo o Povo.

Nós vemos alguns deles. Não podemos acusá-los, directamente. Mas, esses todos indivíduos, que não têm trabalho e ficam nas bichas todo dia, de onde é que vieram? Esses jovens, jovens bem vestidos e calçados de salto alto, ficam nas bichas, todo o dia, de onde é que vêm?

São os sabotadores. São aqueles que desejam perturbar a vida no nosso País. Temos de tomar atenção, temos de fazer atenção, fazer com que a nossa vigilância revolucionária, não permita que esses elementos sirvam de testa de ponte, para qualquer acção do imperialismo, a partir do exterior.

### **A operação Kwanza afirmou mais uma vez a soberania do Estado Angolano**

Camaradas :

Esta Operação Kwanza, que decorreu como nós esperávamos, é uma operação que afirma, mais uma vez, a soberania do Estado Angolano.

Já o afirmámos, em 11 de Novembro. Afirmámo-lo quando confiscamos várias empresas industriais e agrícolas, quando

nós tomamos posição clara, em relação a outros países, que lutam contra a dominação estrangeira.

Teremos a oportunidade de afirmar, mais uma vez, a nossa independência, a nossa soberania, a nossa vontade de ser um País progressista, ao longo dos anos, quando nós tivermos a ocasião de o confirmar.

O nosso Governo, o nosso Governo Revolucionário, é um Governo que é jovem, é um governo que tem, no entanto, tem feito esforço suficiente, para corrigir algumas das deficiências que nós sentimos no nosso País.

Não é possível desenvolver o País, em todos os planos, em um ano só. Não é possível fazê-lo em cinco anos. Não é possível fazê-lo em dez anos. Mas nós temos o dever de, em cada ano, apresentar algum progresso.

### **Os principais problemas que temos a resolver : a produção e a distribuição**

Hoje, quais são os principais problemas que temos a resolver, no plano do executivo?

São; o problema da produção e o problema da distribuição.

Nós ainda não estamos a produzir, nem metade, daquilo que devemos produzir. Eu devo sublinhar, aqui, o esforço que os camaradas operários, nesta região de Luanda, têm desenvolvido, para aumentar a produção. Foram feitos, realmente, grandes esforços. E, esperamos que esta nova campanha, lançada pela UNTA, para que haja um estímulo na produção, durante o período da emulação no trabalho, seja mais um passo para que nós possamos ter de facto, aquela produção, que podemos apresentar ao nosso Povo e ao Mundo.

Porque nós por vezes, encaramos as questões da maneira mais superficial. Dizemos: "não há batata no mercado," portanto tudo vai mal. Nós podemos perguntar, pois: e as batatas, quem as produz? Teremos de durante anos e anos, de importar batatas? Teremos de pedir que outros países forneçam batatas, ao Povo Angolano? Ou devemos nós produzi-las aqui? Devemos produzi-las aqui! Mas não podemos produzir as batatas, suficientes para o Povo Angolano, sem aumentar o trabalho.

Teoricamente, cada um trabalha oito horas por dia. E eu já me referi a isso, não quero falar outra vez. Só quero dizer, que há alguns, que não trabalham, nem uma hora por dia.

Onde é que está a consciência destes compatriotas, que não podem dar, sequer, uma hora de trabalho por dia, não são capazes de trabalhar oito horas por dia, para que o nosso País possa ter um número suficiente de produtos? Onde é que está a sua consciência? São militantes, todos, do MPLA, tiram o cartão, sou membro do MPLA e, o membro do MPLA, não trabalha duas horas por dia...

Esses são militantes? (Não! — disse a multidão). São patriotas? (Não! — repetiu o Povo) São angolanos? (Não! — voltou a dizer a multidão).

São! São angolanos. Mas não defendem a sua Pátria. Não defendem o seu País. São indivíduos que estão a viver, dentro do seu País, como parasitas. É a mesma coisa que o piolho, que vive do sangue do homem. É a mesma coisa que a matabanha que faz, a sua "casa", no dedo. São parasitas. E precisamos de acabar com o parasitismo, aqui, no nosso

País. Precisamos todos de trabalhar, com a mesma energia, com o mesmo amor, com o mesmo espírito de sacrifício, para que o nosso País possa ter os homens, as mulheres e as crianças, com as condições suficientes para viver, porque, se nós esperamos somente do exterior, nós nunca poderemos terminar com os altos preços no mercado.

Quanto custa, uma mandioca, agora no mercado? Sim, está bem, já ouvi. Porque é que o preço da mandioca é tão alto? Não há produção! Então, para baixar o preço da mandioca o que é que vamos fazer? Vamos produzir mais. E as nossas compatriotas quitandeiras, quando virem muita mandioca na rua, já não pedem cinquenta Kwanzas, por cada uma. Vão pedir cinco.

Mas há mais. Há compatriotas, que têm camisarias. E quanto custa uma camisa? E porque é camaradas que custa tão caro? Porque esses compatriotas fazem as camisas e guardam-nas no armazém. Põem, na montra, só duas ou três. Escondem as outras. Quando o cliente vem, dizem: "esta é a última, se quiser, leve por quinhentos Kwanzas".

Quer dizer que se nós aumentarmos

a produção, evitaremos também o açambarcamento e, vamos evitar também a especulação. E os preços vão voltar ao normal.

### **Vamos tentar fazer melhor a distribuição dos produtos essenciais para o consumo da população**

Os camaradas do nosso Governo, especialmente o camarada Ministro do Comércio Interno, está debruçado a estudar estes problemas e é provável que dentro de mais um mês, mais um mês e meio, teremos alguns produtos cujo preço será único, em todo o País.

Vamos tentar fazer melhor a distribuição. Vamos modificar, um pouco, o sistema burocrático de distribuição e, o organismo que se chama EMPA, vai acabar.

Dentro de mais um mês, vamos ter outro sistema de distribuição havendo centrais de distribuição em cada província, centrais grossistas e centros de distribuição retalhista, para que a distribuição seja mais equitativa, e não sejam obrigados a lamentar, que tal produto, essencial para consumo da população,

se estragou, foi necessário destruir, foi necessário deitar fora, tantas galinhas ou tantas caixas de medicamentos.

Mas camaradas, precisamos, também, da colaboração dos comerciantes ambulantes, das camaradas e das compatriotas quitandeiras. Precisam de ganhar, ter um lucro justo. Não podem continuar a explorar o Povo, porque a exploração só tem uma cor. Nós não podemos dizer que a exploração, feita pelo branco, é pior do que a exploração feita pelo preto. É a mesma coisa.

Vamos portanto, pedir aos camaradas que fazem o comércio ambulante, que sejam mais razoáveis. E vamos pedir, também, aos fiscais, que actuem de uma maneira mais enérgica.

**Para realizar os nossos objectivos temos que reforçar o nosso Movimento**

Camaradas :

Para realizar os nossos objectivos, temos, ainda, que reforçar o nosso Movimento, o MPLA.

O MPLA já demonstrou, ao longo dos anos, desde 1956, ser uma organiza-

ção consequente, lutando sempre pelos objectivos principais do Povo Angolano, lutando pela resolução dos problemas e das aspirações do Povo Angolano.

O MPLA conduziu, vitoriosamente, a luta pela independência política do nosso País. O MPLA está conduzindo a luta que vai levar-nos à extinção da reacção interna e, a preparação dos elementos necessários para defender o nosso País, da reacção externa.

O MPLA, como os camaradas sabem, decidiu que este ano, em 1977, deve ser criado o Partido de vanguarda da Classe Operária. Isso será feito no próximo Congresso, que será realizado, provavelmente, nos meses de Setembro ou Outubro.

A partir de agora, os Grupos de Acção, os Comitês de Acção, todos os organismos de massas, devem dedicar a sua atenção, especialmente à realização do nosso Congresso.

E por isso mesmo, o Bureau Político do MPLA decidiu, que no dia 4 de Fevereiro, não haverá grandes festividades. Nós não vamos convidar, personalidades estrangeiras, para estar aqui connosco, não vamos fazer grandes festas, vamos,

sim, fazer uma jornada de trabalho, em que se inicie, a actividade para a realização do Congresso do MPLA em Setembro ou Outubro de 1977.

Portanto, o 4 de Fevereiro, será um dia de reuniões, em que os militantes vão discutir, em que cada um vai expôr o seu ponto de vista, sobre a formação do Partido de Vanguarda da Classe Operária.

Nós, pensamos, que esta é uma maneira mais útil, mais prática, de celebrar o início da luta armada pela Independência Nacional de Angola.

Camaradas: Todos nós sabemos que o nosso Movimento, embora seja um Movimento que abrange todo o território, toda a população de Angola, é um Movimento que ainda tem muitas fraquezas. Quando festejamos as vitórias, temos que festejar, também, aqueles factos que ainda constituem fraquezas do nosso Povo e dos militantes do MPLA. Mas não festejamos da mesma maneira. Exaltamos as nossas vitórias. E, em relação às nossas fraquezas, em relação aquilo que é negativo, temos de analisar, temos de criticar, de

cada um se auto-criticar, para ver como poderemos, no futuro, evitar novos erros, novas fraquezas, novas atitudes negativas.

E neste momento, o que é que nós; constatamos? É que chegamos de facto à independência. Mas perguntamos: Será que já realizámos, de facto, a Unidade Nacional? Ainda temos obstáculos a vencer. Será que dentro do nosso Movimento, um movimento vitorioso, nós já chegámos a aplanar todas as diferenças de opinião que existem dentro do MPLA? Ainda não. Ainda há ilhotas clandestinas, dentro do Movimento. Ainda há fraccionismo. Ainda há aqueles que estão convencidos que podem trabalhar acima da estrutura do Movimento e que, portanto, não se submetem à vontade, e às decisões, às opiniões do C. Central do Movimento. E, há mesmo aqueles, que estão em reuniões de Comités de Acção, de Grupos de Acção, que concordam com tudo aquilo que se diz nas reuniões, mas quando chegam fora das reuniões, fazem uma propaganda contrária, completamente, às decisões que foram tomadas. Esse espírito ainda existe, um espírito que vem da clandestinidade, uma certa capacidade de mostrar duas caras, em momentos diferentes,

uma certa capacidade de enganar. Isso existe, porque durante séculos, o nosso Povo, viveu assim. Era preciso enganar os portugueses, era preciso enganar os organismos de repressão, era preciso enganar a Pide e, portanto, nunca houve uma discussão franca, sobre os problemas nacionais, a qualquer nível, durante o colonialismo. E, o hábito ficou. Ficou, ainda mais, por causa da constituição de vários organismos, na clandestinidade, organismos que, alguns deles, persistem, embora não formalmente.

Nós tivemos, os camaradas sabem, que extinguir, pela repressão, por métodos administrativos, certos organismos que funcionavam contra o MPLA. Os camaradas conhecem, perfeitamente, aquilo que se passou, aqui, em setenta e cinco, em setenta e seis, em relação à Direcção do MPLA. E, principalmente aqui em Luanda, há essa tendência, tendência para o fraccionismo.

Claro que, nós compreendemos, que essa tendência, tem as suas raízes na história da nossa luta. Tem as suas raízes na história da nossa Revolução. Tem a sua raiz na época da clandestinidade. E, portanto, cada um, teimosamente, e sem

querer saber das estruturas do Movimento, procura impôr a sua razão, não discutir, para com os outros encontrar uma razão comum, mas impôr a sua razão. Esse é um defeito que nós ainda temos e que teremos de vencer.

Há no entanto, alguns camaradas que pensam que devemos tomar medidas drásticas, em relação a cada um que tome esta atitude.

#### **Todo o povo tem o direito de discutir sobre o destino do nosso País**

Eu, pessoalmente, penso que não. Penso que devemos, até ao máximo da discussão, provocar a confrontação de ideias, ver até onde, cada um tem razão, e até onde cada um é capaz de aceitar a razão do outro, porque o MPLA é o resultado da opinião de todo um Povo e, todo este Povo tem o direito de se manifestar, sobre o destino do nosso País.

Não vamos querer, simplesmente, impôr e, quando alguém se está a desviar, quando alguém nos parece que está a defender uma linha, que aos nossos olhos parece errada, a mim não me parece útil, justo, afastá-lo imediatamente. A mim

parece-me que devemos, primeiramente, fazer esforços pela discussão, para recuperar cada elemento, que possa vir a contribuir para o desenvolvimento do País.

Dirão que esta é uma política de bom coração. Mas não se trata disso. Nós temos de, concretamente, verificar as condições da nossa vida.

Em Angola, quantos é que nós somos? Quantos quadros políticos nós temos? Quantos elementos capazes de dirigir nós temos, neste momento? Quantos homens capazes de dirigir empresas nós temos? Quais são as necessidades do País?

E preciso que nós não estejamos, de uma maneira egoísta, a defender interesses de grupo, ou interesses pessoais, em detrimento do interesse de todo o Povo.

Eu fiz a pergunta: quantos quadros nós temos? Por vezes, nós queremos um dactilógrafo e percorremos o País a ver se há um dactilógrafo. Precisamos de um condutor de automóvel sério, que não ande a cento e vinte a hora, temos que procurar em todo País. Quando precisamos de um contabilista, nós temos de revolver todo o País, para encontrar um contabilista. E, nessa circunstância, o

que devemos fazer? Aproveitar todos aqueles que são capazes, se nos dão, um mínimo de garantia política, para seguir a orientação do MPLA.

Não sejamos apressados, nos Grupos de Acção, em todos os organismos, à afastar. Sejamos apressados em recuperar, em chamar, cada vez mais, para colaborar, nas tarefas prementes que temos dentro do País, todos aqueles que podem colaborar.

É claro, eu, de maneira nenhuma, estou a caucionar aqueles que sabotam porque, por vezes, os camaradas responsáveis pelos Ministérios, têm uma certa dificuldade em encontrar colaboração de serviço. Propõem uma certa actividade e os serviços respondem: "não é possível". Ou então, não dão resposta nenhuma, durante meses e meses. Esqueceram os papéis nas gavetas. Esqueceram as recomendações, porque não ligaram importância. Nessa altura, do ponto de vista administrativo, é necessário castigar, é necessário sancionar. Mas quando estamos no nível político, precisamos de analisar bem, cada um dos problemas.

Vamos combater o fraccionismo. Não somente com medidas administrativas,

mas vamos combater o fraccionismo, recuperando, cada quadro, para que possa funcionar, validamente, dentro do nosso Movimento.

Camaradas :

Eu já misturei o Kwanza com a Kwanza, com o escudo e, parece que devo terminar.

Devo terminar para desejar a todos os militantes do MPLA, às organizações de massas, especialmente, as camaradas da OMA, que tiveram a iniciativa desta reunião, aqui, um trabalho frutuoso, um trabalho útil, para o 4 de Fevereiro, que dará início a uma outra tarefa, uma outra tarefa mais importante, que é a preparação para o nosso Congresso.

A Luta Continua!  
A Vitória é Certa”.





EDIÇÃO DO  
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E  
PROPAGANDA  
D. I. P.

0280.000.045

COMPOSTO E IMPRESSO NA SOTIPC